

Conflitos entre cientificismo e religiosidade popular a partir de Inglês de Sousa

Conflicts between scientism and popular religiosity from Inglês de Sousa

Eron Max Xabregas Gaia¹

Resumo

A discussão entre ciência e religião é tema constante nas raias das Ciências da Religião. Refletir sobre essa interface em um contexto amazônico é relevante para o pesquisador que se encontra no mesmo. Ainda mais, esse debate pode ser enriquecido quando de sua fonte ser a literatura e mais precisamente a paraense. Herculano Marcos Inglês de Sousa contribui para tais estudos haja vista seus escritos mostrarem um panorama vívido da Amazônia oitocentista. De vasta produção, principalmente contos, o literato, no conto *A Feiticeira*, retrata os confrontos entre cientificidade e religião. O que este trabalho propõe é uma leitura desta obra sob as perspectivas antropológicas, ressaltando aspectos de sua construção enquanto texto que reflete a dimensão histórico-social. Tentar-se-á a utilização do método apresentado por Douglas da Conceição para as inferências na interface religião e literatura bem como algumas elucidações e aproximações com o método antropológico – etnografia e etnologia – e, por fim, revelando aspectos do embate entre cientificismo e religiosidade popular, tema central do conto que aqui se defende, presentes no referido conto. Este texto é apenas um passo inicial para as discussões sobre a interface religião e cientificismo em conflito a partir da literatura inglesiana.

Palavras-chave: Literatura inglesiana. Religião. Ciência. Embates.

Abstract

The quarrels between science and religion is a constant theme in the rays of Sciences of religion. Reflect on this interface in an amazon region's context is relevant to the researcher who finds himself in the same. Even more, this debate can be enriched when its source be literature and more precisely the *paraense*. Herculano Marcos Inglês de Sousa contributes to such studies since his writings show a vivid panorama of the *oitocentista* Amazon. Of vast production mainly fairy tales, *A Feiticeira* tale depicts the clashes between science and religion. What this paper proposes is a reading of this work under the anthropological perspectives, emphasizing aspects of its construction while text that reflects the historical and social dimension. Will the use of the method presented by Douglas da Conceição to the inferences in the religion and literature as well as some clarifications and approximations with the anthropological method – Ethnography and Ethnology – and, finally, revealing aspects of the clash between scientism and popular religiosity, a central theme of the tale here defends himself, present in that tale. This text is just an initial step for discussions about the interface and religion scientism in conflict from inglesiana literature.

Keywords: Literature inglesiana. Religion. Science. Clashes.

¹ Possui graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (2011). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática/Cristologia/Jesus Histórico. Atualmente é graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia (2012) pela Universidade do Estado do Pará, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará, onde pesquisa Religião a partir de Martin Heidegger e, também, desenvolvendo pesquisa nas áreas de religião, política e democracia.

1 Introdução

As ideias e reflexões ora apresentadas tiveram seu nascedouro nas atividades do Grupo de Pesquisa *Religião, Política, Direitos Humanos e Democracia*, vinculado ao PPGCR-UEPA, quando do **I Seminário de Extensão - UEPA: Religião, Política, Direitos Humanos e Democracia**, ocasião onde foi apresentado em uma das mesas o tema *A Dimensão Social da Literatura e os Conflitos Religiosos na Amazônia* pelo presente autor e pelo discente João Paulo Henrique Brito, e embaladas pelas discussões instauradas no PPGCR-UEPA.

Concebidas as ideias e formado o projeto, o que resultou foi uma intensa e rica discussão a partir da literatura paraense em Herculano Marcos Inglês de Sousa, nos seus contos e mais detidamente no *A Feiticeira*, que chamou a atenção por apresentar um panorama vívido de uma temática pertinente na interface religião e conflitos e por situar esse embate em um contexto amazônica. Esse recorte se faz interessante para esse trabalho devido, concomitantemente, a perspectiva de conflitos se dá no horizonte das querelas entre cientificismo e religião popular. A literatura inglesiana é forjada em um locus social específico.

A Revolução Industrial alterou consideravelmente a sociedade ocidental seja no âmbito político, social ou econômico, alterando a visão de mundo

e do homem desta mesma sociedade. Provocou, também, nas primeiras décadas do século XIX, além de inóspita urbanização e crescimento quantitativo populacional nas urbes, o espraiar da ciência nos âmbitos da indústria, transporte e comunicação, fomentando a ascensão de uma burguesia científico-industrial e o inchaço maciço do proletariado, contornando um quadro de antagonismo social perceptível resultante do crescente capitalismo. Tal compleição proporcionou intensas mudanças na dimensão ideológica. Teorias científicas pululavam e filosofias eram perspectivadas na tentativa sempre constante em sua pretensão de explicar a realidade. No entanto, a nova direção estava em que o materialismo assumira *status* de chave interpretativa e a metafísica, até então ocupante deste lugar, é posta em segundo plano.

Neste contexto a ciência surge como balizadora, portadora da verdade humana, reguladora do que era legítimo e válido, reorientando os paradigmas valorativos de outrora para fora de seus próprios âmbitos e massacrando-os, descartando a muitos como simples produtos metafísicos, transcendentos, fugazes, e que por isso deviam ser alvos de profunda crítica. A religião não estará isenta desta assoladora crise, os seus valores também serão criticados. José Mourão de Araújo fala que:

O positivismo do francês Augusto Comte, divulgado a partir de 1830, apregoava que o único conhecimento possível da realidade era derivado da análise objetiva ou “positiva” dos fatos empíricos do mundo físico, o que permitiria determinar as leis efetivas e invariáveis que regem a natureza. O objetivismo cientificista comteano difundiu-se por todos os campos do conhecimento, desde as ciências naturais e humanas até as expressões artísticas, que, no conjunto, passaram a refletir as novas condições sociais e espirituais pelas quais atravessava a sociedade europeia (ARAÚJO, 2006, p. 22).

Neste interregno a pergunta pelo que poderia ser posto ou não à prova científica era cada vez mais emergente. O *espírito científico*, assim chamado, polinizou e germinou o nascimento das *ciências modernas da natureza*, exigentes em constatações qualitativas, experiências, sistematizações, resultando no “profundo deslocamento” da religião e se adensando “a partir daí, cada vez mais, uma inadequação da religião enquanto alvo a ser perspectivado pelo movimento científico nascente” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 883).

O positivismo ainda influencia as artes. O chamado *realismo artístico*, opondo-se ao *idealismo romântico*, nutria a concepção de que a arte retrataria e representaria a realidade, a natureza e os homens com suas relações, de forma objetiva, através de uma estética bastante rebuscada e acuradamente detalhista. E mais...

No campo específico da literatura, o Realismo procurava

inspirar-se rigorosamente nos fatos da vida real. Imbuídos de uma perspectiva positivista da realidade, os escritores ligados ao movimento acreditavam que a missão da literatura era investigar a realidade social e a condição humana de maneira objetiva, neutra e impessoal, devendo o narrador agir sempre como um autêntico cientista, ao valorizar a fidelidade e a precisão na fixação dos tipos e do cenário, bem como na condução do enredo. Preocupavam-se em retratar a sociedade de forma crua, sem omitir suas contradições e defeitos: as injustiças sociais, a miséria, a futilidade da burguesia, o egoísmo humano, a hipocrisia religiosa, o adultério, os vícios e a degradação moral (ARAÚJO, 2006, p.23).

Neste sentido, o presente artigo visa refletir a religião pelo prisma da literatura, haja vista ser depositária de estruturais existenciais humanos. O enfoque será a literatura amazônica de Herculano Marcos Inglês de Sousa, ressaltando aspectos de sua construção enquanto texto que reflete a dimensão histórico-social. Tentar-se-á a utilização do método apresentado por Douglas da Conceição em *Fuga da Promessa e Nostalgia do Divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura* para as inferências na interface religião e literatura bem como algumas elucidações e aproximações com o método antropológico – etnografia e etnologia – e, por fim, revelando aspectos do embate entre cientificismo e religiosidade popular, tema central que aqui se defende, presentes no referido.

Este texto é apenas um passo inicial

para as discussões sobre a interface religião e cientificismo em conflito a partir da literatura inglesiana, o que se constitui um desafio, haja vista a parca

produção sobre este aspecto das obras do literato em questão e mesmo de sua literatura como um todo.

2 O valor existencial da literatura

2.1 Bases epistemológicas para sua análise

Compartilhando da compreensão de Martin Heidegger é possível afirmar que o valor da literatura se dá pela atualidade do momento em que ela se desenvolve, pela atualidade do momento que encerra sobre os momentos nela contidos e pela atualidade do momento do leitor/intérprete, sendo, também, meio de cultura e objeto de ciência (DUBOIS, apud HEIDEGGER, 1954, p.61-62). A literatura como uma dessas formas de linguagem “libera o homem da morte, graças à função da memória, correlata ao circuito da história interligando passado, presente e futuro a uma parcela de eternidade conquistada em cada época” (NUNES, 2009, p 36). A literatura, assim, pode ser vista como um dos modos de compreender a existência humana.

A Clave do Poético, do filósofo Benedito Nunes, pode contribuir para a melhor compreensão do que seja a literatura. Nunes foi crítico literário e ensaísta, sendo um dos pensadores mais expoentes do século XX. Para Nunes (2009) os pensamentos definiriam a linguagem, interligando a fala ao

discurso, de forma que o pensamento já se interpretou nela. Na literatura essa expressão pode, sob certo aspecto, ser encontrada, perspectivada e sistematizada.

Reunião de vários ensaios do pensador, a obra *A Clave do Poético* reflete sobre os aspectos existenciais e sociais da literatura, lançando fundamentos úteis para a análise de religião no conto *A Feiticeira* de Herculano Marcos Inglês de Sousa. Benedito Nunes enfatiza a importância de cada obra literária, o contexto existencial em que foram elaboradas e a formação político-social do escritor e das obras que influenciaram o pensamento e a escrita deste – o que não se fará minuciosamente neste artigo, haja vista o exíguo espaço e temática já recortada. Cada obra tem seu tempo, que é o da narração; pelo ato de narrar, e o da temporalização da obra, que é a relação do pensamento do escritor com a história. A narrativa da obra ficcional se dá no plano imaginário do discurso da linguagem. Para que o tempo da narrativa se eternize, de acordo com o filósofo paraense, ele deve ancorar-se na história. O ato de narrar literariamente

confunde-se com a história da humanidade, no entanto, indo além do seu tempo, eternizando-se na linguagem da história, da filosofia ou da poética. O escrito é a transição entre passado, presente e o futuro. A condição de ser no e com o mundo seria a principal reflexão destes.

Assim como Michel Foucault, que trabalhou a arqueologia do saber e

consequentemente a hermenêutica do sujeito, Benedito Nunes diz que o texto mescla a linguagem de um escritor com outro, os variados pensamentos, a historicização do autor, de sua situação existencial, com a época de outros autores. Um fato ou momento histórico podia ser interpretado por uma obra literária e sua temporalização.

3 Literatura e Religião

Em se tratando especificamente da interface literatura e Religião, Douglas Rodrigues da Conceição (2004, p. 21) mostra que “os contos, os romances e as poesias revelam formas de estar no mundo”, coadunando-se com a perspectiva de Benedito Nunes. Não dissociando textos literários de textos sagrados ou bíblicos, ressalta que é possível a leitura de nuances de religião e/ou teológicas no interior destes mesmos. O caráter antropológico do texto funciona como “ponte e mediação” das análises teológicas e religiosas.

Trazendo à tona a questão do conflito entre essas duas interfaces, literatura e religião, haja vista o paulatino distanciamento entre arte e religiosidade popular da interpretação oficial dos textos que se dava por meio da filosofia, Conceição fala de um momento de reconciliação entre ambas. No âmbito da interdisciplinaridade atualmente tão evocada, o diálogo entre

literatura e religião encontra o seu lugar e elas aparecem como interlocutoras (CONCEIÇÃO, 2004, p. 25-26). A cisão entre o sacro e o profano, literatura sacra e profana especificamente, tem como fomentadora a teologia que se separou das “artes e do mundo”, onde literatura profana, sob a ótica dessa teologia cindida, aponta para o não-dogma, para a incerteza, para a não verdade, o que é um equívoco, pois a mesma evoca certa historicidade, haja vista que há nela certa compreensão e interpretação da vida (MANZATTO, apud CONCEIÇÃO, 2004, p. 26), o que lhe dá o caráter de depositária de significação que deve ser posta sob o lume hermenêutico.

Essa é uma compreensão contemporânea, pois em meio aos muitos usos da literatura há o que Antônio Carlos de Melo Magalhães, citado por Conceição, chama de “motivação estética”, que locava a

literatura muito menos para a “fruição e devaneio que para [...] análise e reflexão” (MAGALHÃES, apud CONCEIÇÃO, 2004, p. 27). Na tradição ocidental, segundo o ponto de vista de Todorov, reclamado por Conceição, a concepção de literatura é essa mesma levantada por Magalhães, de ficção e estética. O que é um reducionismo, pois a literatura tem muito mais a ser do que objeto estético e ficcional. Ela pode conciliar beleza (estética) e verdade (a vida vivida) em seu âmago, diz o autor, sem se excluírem. Entendendo teologia em sentido lato como “qualquer estudo, discurso ou pregação que trate [...] das coisas divinas” (ABBAGNANO, 1998, p. 949-950), situando a literatura nesta ordem discursiva e o discurso religioso paralelamente, Conceição dirá que:

As relações entre teologia e literatura podem desenvolver um diálogo que não desconheça as diferenças e as identidades próprias entre elas, portanto, surge a partir daí uma aproximação profícua. Tudo o que é humano interessa à literatura, o mesmo acontece com o domínio religioso do homem. Deus, fé, igreja, relações entre o homem e Deus, que são objetos de análise teológica, também estão presentes nos textos literários. (CONCEIÇÃO, 2004, p. 29)

3.1 Método de análise

Desta forma, admitindo a relação entre literatura e religião já esboçada até aqui, Conceição alude às perspectivas metodológicas salientadas por Magalhães

para que haja análise de temas religiosos em uma obra literária. Ele diz que é necessário, primeiramente, identificar e problematizar os temas centrais de uma obra literária. Isso significa que um tema pode ser presente em várias outras obras do autor e até mesmo linha literária. O que leva entender que o cientista religioso que trabalha com literatura deve estar a par dos estruturais não somente da obra abordada, mas de toda a escola em que ela se insere, para que o valor teológico/religioso seja entendido. Em segundo lugar, identificar a tradição religiosa onde o texto é forjado, atentando para os elementos existenciais em que se encontra ou de onde é oriunda, para que a literatura sobressaia como expressão interpretativa da realidade humana sob a ótica de determinada teologia. Identificada esta tradição, instaura-se uma revisão teológica e posteriormente a interpretação das alterações desta tradição presentes no texto, revelando um quadro mais rico e dinâmico que o da tradição de onde este salta. É cabível salientar que, Douglas da Conceição (2004, p. 49-50), diz que a obra expressa a realidade humana sem, no entanto, ser uma sistemática religiosa, mas que pode possuir valor teológico/religioso, não devendo ser confundida com os textos da tradição.

Para questões metodológicas e/ou abordagem do conto *A Feiticeira*, será utilizado método que Conceição

implementa para analisar a literatura machadiana, o da correspondência, que é defendido por Antônio Magalhães em *Deus no Espelho das Palavras: diálogo entre teologia e literatura*. Em suma, tal método consiste na tentativa de diálogo, balizado pela lógica da correspondência matemática, em que “a cada elemento de um conjunto são associados um ou mais elementos de outro” (CONCEIÇÃO, 2004, p. 52). No que tange a interpretação religiosa, pode-se dizer que para os elementos de tradição religiosa existem outros relacionados a estes na literatura. A fé surge dentro da literatura como experiências pessoais e interpretações.

4 A temática antropológica inglesiana

Antropologia? Sim. No sentido lato, fala-se na sistematicidade expositiva dos conhecimentos relativos ao homem, diz Nicola Abbagnano (2000, p. 67). Mais especificamente uma Antropologia Cultural: consideração dos atributos humanos concernentes às relações sociais (ABBAGNANO, 2000, p. 67). É possível especificar ainda mais esse recorte e trazer ao lume uma etnografia, da qual Araújo ressalta que

A maior preocupação da etnografia é obter descrições densas, as mais completas possíveis, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm; esta descrição é sempre escrita com a comparação etnológica em mente. O objeto da etnografia é

Há o equilíbrio entre religião/teologia e literatura, uma não supera a outra. A cada elemento, característica, temáticas encontrado e selecionado é preciso lançar mão de vários instrumentos dentro da metodologia, pois as relações que são possíveis são intrincadas e múltiplas. A *Feiticeira* pode ser perspectivada metodologicamente de acordo com os referenciais epistemológicos ora apresentados, o que, no entanto, apenas se principiará haja vista a vastidão de relações que a obra evoca e que ficarão para posteriores passos.

esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categorial cultural. [...]Etnografia é escrita do visível.

Sendo mais pontual, a observação do método antropológico em Inglês de Sousa é mais esclarecido quando se entende que há também um matiz etnológico em sua obra. Franz Boas (2007, p.47) mostra que a tentativa da etnologia é um estudo das mudanças dinâmicas que ocorrem na sociedade e que são perceptíveis atualmente, “os processos que ocorrem diante dos nossos olhos”, salienta. Descarta a perspectiva de homogeneidade

evolucionária para todas as culturas do mundo. Ele diz:

Vemos, ao contrário, que cada grupo cultural tem sua história própria e única, parcialmente dependente do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ele tenha estado submetido. Tanto ocorrem processos de gradual diferenciação quanto de nivelamento de diferenças entre centros culturais vizinhos. Seria completamente impossível entender o que aconteceu a qualquer povo particular com base num único esquema evolucionário (BOAS, 2007, p.47).

Racismo, hegemonia cultural e etnocentrismo são combatidos pela etnologia. O que se argumenta no presente trabalho é que, em um transfundo e de forma latente, isto é, sem ter conhecimento de tal método o autor se caracteriza em parte por ele e há muito mais que etnografia na literatura inglesiana. Na verdade, ela, em forma de descrição densa, é o esteio para as interpretações da realidade, suas críticas sociais ilustradas por meio o conflito entre cientificismo e religião popular, isto é, o que sobressai é uma etnologia não manifesta, isto é, não intencional.

O que é perceptível na literatura inglesiana e mais detidamente no conto *A Feiticeira* é uma antropologia do amazônida da região de Óbidos, de suas crenças, sua religiosidade e um embate entre este olhar e o científico, da razão. Logo, um confronto epistemológico entre conhecimento científico (razão) –

Tenente Antônio Sousa – e senso comum (fé) – Estevão e Maria Mucuí –, representado por práticas e saberes tradicionais. O conflito é retratado no enredo nas atitudes hostis e de descrença do tenente em relação às práticas da religiosidade popular local. Perceba-se, também, que o conflito não está entre o institucionalizado e o popular, entre o canônico, dogmático, e o que foge a essas raias. Não há lampejos de luta entre catolicismo ou protestantismo e catolicismo popular ou pajelança detidamente no conto *A Feiticeira*. Os mesmos podem até aparecer vez ou outra, mas não fundamentam a trama. Os solavancos são entre ciência e religiosidade como um todo, pode-se assim dizer, mas, devido ao recorte etnográfico, é apresentada uma religiosidade popular. Essa perspectiva é somada a de Elaine de Oliveira que prepondera a ênfase inglesiana na ação e a sua intenção de falar ao todo (OLIVEIRA, 2006, p. 105-106). Alinha-se também à perspectiva de Araújo, que as querelas se dão entre o racional e o irracional, não se detendo em si a uma forma religiosa (ARAÚJO, 2006). Então, em uma perspectiva antropológica e etnográfica do conto *A Feiticeira* é possível dizer que Inglês de Sousa tateia por pressupostos não conscientemente condensados em método na sua obra, no caso o Etnográfico e Etnológico, mas que se encontram em sua obra de forma latente.

5 A feiticeira: conflito científico-religioso

Herculano Marcos Inglês de Sousa fez os primeiros estudos no Pará e no Maranhão. Diplomou-se em direito pela Faculdade de São Paulo, em 1876. Foi o introdutor do naturalismo no Brasil, suas principais obras são *Cacaulista* (1876), *História de um Pescador* (1877) e *O Coronel Sangrado*. Além de advogado, banqueiro, professor, jornalista e romancista, foi também, contista, chegando a ser membro da Academia Brasileira de Letras. Seus *Contos Amazônicos* (1892), dedicados ao amigo Sílvio Romero, são não apenas um documento sociopolítico da região amazônica, da época, como também a história do embate entre o homem e a natureza selvagem.

Walter Pinto, em *O Rigor Científico na Ficção de Inglês de Sousa* (2014), faz uma pergunta cirúrgica a respeito das obras do literato, refletindo se a literatura de ficção pode expressar uma realidade. José Araújo (2006) responde esta questão de forma precisa ao dizer que a marca indelével de Inglês de Sousa está em sua fidelidade aos fatos da vida do caboclo, ao modo de ser amazônico, à vida. Os *Contos Amazônicos*, por causa disso, são "importante documento histórico" e, como retro referido, esta é uma característica estruturante da literatura: pretender dar conta do humano, o que

Inglês de Sousa soube fazê-lo (ARAÚJO, 2006, p. 20).

Inglês de Sousa tentou em seus cinco livros dar uma visão panorâmica da Amazônia cacauicultora de meados do século XIX, ressaltando aspectos corriqueiros, cenas da vida diária. Não sendo antropólogo, sociólogo, nem literato documental, empreendeu minuciosa descrição dos detalhes humanos e físicos de uma Amazônia pouco conhecida, revelando um rico retrato das condições materiais, da vida individual e social, ressaltando relações e conflitos inerentes à região, típicos das regiões ribeirinhas, deixando ao lume seu apego regionalista, o que por meio de sua leitura permite um maior entendimento do que foi o cotidiano amazônico no âmbito do século XIX. De fato, nas palavras de Elaine Oliveira (2006, p. 99),

a eficiência do texto naturalista estaria na habilidade do escritor em esconder o caráter literário do texto e adquirir aos olhos do leitor a materialidade do real.

Quanto ao fantástico, irracional, condensado nas narrativas fundamentalmente mitológicas, isto é, tem os mitos como esteio ou a religiosidade tradicional, José Araújo pontua:

A linhagem dos fenômenos transgressores das leis empíricas, presente na literatura inglesa, apresenta, *a priori*, uma incoerência entre a matéria dos contos e a frieza do

raciocínio das leis científicas, conhecidas e exercitadas pelo autor em seus romances. Respectivamente aos contos, os pássaros misteriosos, o assombro da feitiçaria, a anomalia dos gigantes ofídios, o fantasmagórico gado, fugitivo perpétuo, tudo isto confere à matéria da coletânea uma necessidade primordial de pontilhar, nas páginas inglesianas, a trajetória e várias nuances da vida do caboclo. Portanto, não há incoerência entre a eleição do mito nos contos inglesianos e a formação científica do autor. A bem da verdade, o Autor, ao eleger o mágico, atém-se com fidelidade às credências que o caboclo defende dogmáticamente. É a diferença entre "descrever" uma crença e nela "acreditar". (ARAÚJO, 2006, p. 18)

Inglês de Sousa descreveu com grande capacidade a vida cotidiana da região, onde havia distinções hierárquicas étnico-sociais e preconceitos de ordem racial e religiosa, mas que eram amenizados por uma espécie de sociabilidade entre as pessoas de todas essas categorias, fomentada pela ausência de privacidade, observado este aspecto nas moradias, na forma de habitar, onde o trânsito das pessoas em seu interior não obedecia fronteiras; este aspecto demonstra que o modo de vida burguês com toda a sua carga não havia se consolidado na Amazônia descrita por Inglês de Sousa, mas que ainda é palco de conflitos.

Cabe ressaltar que a literatura de Inglês de Sousa se une à trama concreta da história, de fatos que poderiam acontecer na cotidianidade, apesar de transitar pelo realismo maravilhoso e

pelo fantástico. No realismo maravilhoso a história não é resultado da experiência do autor apenas, mas subjaz de relatos escolhidos do cotidiano social, conforme Nunes (2009) e Conceição (2011), que podem ter sido ou não vividos por ele. No fantástico, a história contada, haja vista a autonomia do autor, o autoriza a delinear uma dada realidade sem correlação com o vivido em si ou com o mundo dos sentidos mesmo, em um mundo onírico (FIGUEIRA, 2003, p. 23). Em ambos pode haver o descarte da relação de causalidade. Na literatura inglesa realismo maravilhoso e fantástico são entremeados para deixar a impressão de ambivalência entre *ser* e *supostamente ser* (FIGUEIRA, 2003, p. 24).

A *Feiticeira* deixa transparecer aspectos e conflitos sociais na Amazônia. O conflito religioso é o enredo principal do conto, apesar de estarem presentes conflitos de ordem capital, de gerações, políticos, etc. Neste conto o autor busca refletir a intolerância e o desrespeito à crença alheia. Logo em suas primeiras linhas Inglês de Sousa deixa claro o tema central do conto:

Chegou a vez do velho Estevão, que falou assim:

- O tenente Antônio de Sousa era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem o lobisomem e feiticeiras. [...]

Assim se faz pertinente a consideração de José Araújo:

As narrativas, os eventos e as personagens que Inglês de Sousa criou são fictícias, mas não o mundo – a realidade física e o universo social amazônico – que ele reproduziu de forma pungente. Mas não só de mitos é feita a História da Região Amazônica. Também os problemas sociais e políticos serão motivo literário para o autor paraense, conforme já foi dito. A formação social da Amazônia nos fala de luta entre portugueses e nativos num tempo de muita matança e perseguição aos índios, também chamados tapuios (ARAÚJO, 2006, p.14).

A ênfase do conto inglesiano não está no subjetivismo das personagens, mas, por meio da descrição minuciosa de seus atos, mostrar suas personalidades. Segundo Araújo o autor tem a capacidade de descrever as cenas como que se mostrasse interferência, porém sem influência. Em *A Feiticeira* o que quer destacar, de acordo com Araújo é

[...] o choque entre o possivelmente insólito – os poderes sobrenaturais e a cumplicidade da personagem Maria Motim (Mucuim) com poderes demoníacos – e as totais descrenças da mente racionalista, positiva de Antônio de Sousa “que se gabava de não crer em nada” que não provasse, constataste, experimentaste (ARAÚJO, 2006, p.14).

Estevão, o velho, é o narrador. Ele é o paradigma para as crenças tradicionais do povo dos interiores de Óbidos e, conseqüentemente, um modelo de homem amazônida e “funciona como um porta-voz dos que se

recusam a desligar-se das tradições” (ARAÚJO, 2006, p. 14). O conto destaca o posicionamento dessa recusa, que vem à tona nas palavras de enfrentamento entre ciência e religiosidade, pois Estevão diz:

Eu não lhe podia ouvir tais leviandades em coisas medonhas e graves sem que o meu coração se apertasse, e um calafrio me corresse a espinha. Quando a gente se habitua a venerar os decretos da Providência, sob qualquer forma que se manifestem, quando a gente chega à idade avançada em que a lição da experiência demonstra a verdade do que os avós viram e contaram, custa ouvir com paciência os sarcasmos com que os moços tentam ridicularizar as mais respeitáveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem espíritos fortes [...]

– Quereis saber uma coisa? Filho meu não frequentaria esses colégios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém, parece que todas as crenças velhas vão pela água abaixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos princípios que os pais lhe incutiram no berço, lisonjeando-se numa falsa ciência que nada explica, e a que, mais acertadamente, se chamaria charlatanismo.

Maria Mucuim, a feiticeira, é o tipo religioso amazônida desvelado pelo narrador. Suas características estão na ordem do racional e irracional, dentro da ficção inglesiana. A personagem *Tenente Antônio de Souza* zomba das ações de crença da *Maria Mucuim*, personagem que dá luz à *feiticeira*. O tenente, que no meio do curso de medicina teve que

abandoná-lo por motivos de forças maiores, voltou para sua terra. Chegando lá, haja vista sua formação científica, passa a desdenhar da crença popular, que o povo propaga, dizendo que não tem valor algum. Seu discurso chega a ser positivista sistemático e preconceituoso. Ele é “o modelo paradigmático dos *espíritos fortes*, os que advogam os parâmetros da descrença”, prepondera Araújo (2006, p. 15).

Em Óbidos, o tenente ao ouvir falar da mais temida “feiticeira” dos arredores, chega a duvidar das ações de *Maria Mucuí*. Diante dos relatos da população local, mostra-se descrente quanto aos mesmos, atrevendo-se saber quem realmente era a tal “feiticeira”, indo em sua busca. Ao chegar à cabana, o tenente se depara com uma cena estranha aos seus olhos citadinos. A cabana era pequena, negra, compõe-se de duas peças separadas por uma meia parede, que servia de porta para o interior. Nestas descrições como pano de fundo deixa transparecer uma descrição unilateral por parte do tenente, pendente ao olhar de barbárie ao que não lhe é familiar, em uma atitude de profundo estranhamento.

A cena mais forte do conto é a que o tenente entra no “quarto” de magias de Maria Mucuí. No conto encontramos a dualidade da realidade.

A entrada de Antonio de Souza causou um movimento geral. O murucutu entreabriu os olhos, bateu as asas e soltou um pio

lúgubre. O gato pulou para a rede, o bode recuou até o fundo do quarto e arremeteu contra o visitante.

Após a luta, fugindo, Inglês de Sousa prossegue:

O tenente Sousa, como se tivesse atrás de si o inferno todo, pôs-se a correr pelos cacauais. Chovia a cântaros. Os Medonhos trovões do Amazonas atroavam os ares; de minuto em minuto relâmpagos rasgavam o céu. O Rapaz corria. Os galhos úmidos das árvores batiam-lhe no rosto. Os seus pés enterravam-se nas folhas molhadas que tapetavam o solo. De quando em quando, ouvia o ruído da queda das árvores feridas pelo raio ou derrubadas pelo vento, e cada vez mais perto o uivo de uma onça faminta. A noite era escura. Só o guiava a luz intermitente dos relâmpagos. [...]

Mas ele ia prosseguindo sem olhar para trás, porque temia encontrar o olhar da feiticeira, e estava certo de que o seguia uma legião de seres misteriosos e horrendos.

O sobrenatural inglesiano é contextualizado à perspectiva da ficção onde se acha “o lugar comum na rica formação mitológica do povo amazônico” (ARAÚJO, 2006, p. 18). O imaginário amazônida, suas credices, suas práticas religiosas e míticas são transportadas com acuidade para o texto de acordo com o que ouviu e vivenciou. A inferência de que há na obra de Inglês de Sousa aspectos sócio-antropológicos e religiosos, precisamente, é plausível. Assim, pode-se dizer que

observador atento, Inglês de Sousa enreda em suas narrativas à maneira aproximada de como são recolhidas por ele as informações da tradição oral. Em

cada quadro que compõe os *Contos Amazônicos* serão apresentados episódios da vida de caboclo. Do “caboclo”, elemento constitutivo de uma nova raça, porém herdeiro, também, da carga mítica dos três elementos matriciais de sua formação: branco, negro e índio. [...] Um vivente da Amazônia reconhece de imediato as criaturas partícipes do universo dos contos, isto porque são os pássaros soturnos, a Boiúna matreira e as terríveis criaturas da floresta, que embalam o sono infantil nas noites da Amazônia. Nas noites úmidas, alagadiças, repletas de insetos e magia, o caboclo suplica pela proteção dos deuses e pelo afastamento dos demônios (ARAÚJO, 2006, p. 19-20).

O tenente, que era branco, representava a elite, o civilizado, etc. Não se pode esquecer de que na época de Inglês de Souza era o pós-fim de um momento histórico muito importante: Cabanagem (1835-1840). Movimento popular no qual parte da população, que era mestiça, participou, lutando contra o regime regencial ditatorial que os oprimia, principalmente a classe mais pobre, que eram os escravos, os

cabanos ou caboclos, os indígenas e a população rural. Foi uma luta de classes, defende Vicente Salles (2005, p. 295-300). Eles queriam a independência para que o desenvolvimento da província do Grão-Pará fosse alavancado. É possível dizer, tendo como base o referencial de Salles, que a literatura inglesiana retrata e interpreta esse momento, unindo-se ao referencial de Nunes. Em *A Feiticeira*, coadunando-se perspectivamente com Nunes e Salles é propício informar que a “população amazônica, nessa época, estava saturada com atritos sociais”, havendo certa solidariedade entre os oprimidos (SALLES, 2005, p.298) e Inglês de Sousa remonta essa saturação por meio da violência do Tenente Sousa a Estevão e à Maria Mucum, as críticas, o reclame do velho, a reação da tapuia, seriam expressão dessa saturação resultante da pressão das ideologias dominantes, brancas e letradas, personificadas no tenente, mostrando vividamente o conflito entre cientificismo e religiosidade popular.

6 Considerações finais

Toda literatura de Inglês de Souza, buscava relatar os fatos e cenas da Amazônia, em virtude de narrar para a população letrada, como era a realidade da Amazônia, já que no imaginário das elites do Sul-Sudeste e europeia era uma terra sem lei, onde havia antropofagia, desordem... uma terra incivilizada.

Inglês de Souza, no conto *A Feiticeira*, traz os fatos corriqueiros da Amazônia, sua rica cultura folclórica e a dimensão mitológica do homem que aí vive. Haja vista que o ecletismo e o multiculturalismo na região foi fortemente influenciado pelas nações europeias, fomentando o imaginário

cristão de que a região dos trópicos era o inferno. Por isso o imaginário negativo, combatido por Inglês de Sousa em relação à feitiçaria, pajelança ou as devoções populares aos santos católicos e afros. É importante ressaltar que a literatura de Souza enriquece com maestria o imaginário folclórico e popular amazônico. E além do mais, a dimensão antropológica de sua literatura, reproduz de forma eficaz a vida regional amazônica do século XIX e os diversos aspectos existenciais do homem amazônico.

É perceptível que Inglês de Sousa pretende ir além das fronteiras da Amazônia, pois os costumes são descritos assim como o ambiente com o objetivo de dar uma interpretação da realidade social, política e religiosa que transcende o contexto amazônico. As descrições minuciosas do ambiente são somente para situar os contextos onde a ação será desenvolvida. Ou seja, a prevalência é da ação, o contexto pode mudar. O que Inglês de Sousa intenta é falar a todos. Os preconceitos, problemas, que ocorrem aqui ocorrem aí

também, diria ele. Ele quer focar os problemas sociais por meio de um romance social, os choques que são resultados de interesses escusos, fraudes, preconceitos etc (OLIVEIRA, 2006, p. 105-106).

Desta forma, frente ao referencial teórico aqui apresentado e as discussões travadas, pode-se dizer que a literatura inglesiana é depositária de um retrato um tanto ajustado à realidade social oitocentista, revelando nuances deste mesmo. Ao descrever, o escritor aproxima-se do método antropológico. No entanto, diferente da perspectiva de José Mourão de Araújo, que segue a pista de uma etnografia mais salientada, aqui se fez a proposta de uma etnologia em Inglês de Sousa, haja vista sua interpretação, apesar de sua fidelidade ao real – pressuposto realista –, ser crítica em relação ao contexto em que está inserido, mostrando, principalmente no conto *A Feiticeira*, as ferrenhas crises entre cientificismo – personificado no tenente Sousa – e a religiosidade popular – retratada em Estevão e na Feiticeira, Maria Mucum.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. da 1ª Ed. Alfredo Bosi; revisão da tradução e novos textos: Ivone Castilho Beneditti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014 p.

ARAÚJO, José Mourão de. **Literatura e História na Recepção Crítica do**

Conto de Inglês de Sousa. Belém, 2006. 153 p. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Artes da UFPA. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/svr4Qt>>. Acesso em 07 de agos. de 2014.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Trad. Celso Castro. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CONCEIÇÃO, D. R. A religião em cena: perspectivas investigativas. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, p. 883-896, 2011.

_____. **Fuga da Promessa e Nostalgia do Divino**: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004.

DUBOIS, Christian. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Trad.: Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NUNES, Benedito. **A Clave do Poético**. Org.: Vitor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Elaine. Inglês de Sousa e a recepção crítica de sua obra no Brasil. In: TUPIASSÚ, Amarilis (Org.). **Escrita Literária e outras Estéticas**. Belém: Unama, 2006.

PINTO, Walter. **O Rigor Científico na Ficção de Inglês de Sousa**. Jornal da Universidade Federal do Pará. Ano XXVIII Nº 120. Agosto e Setembro de 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/7sM5em>>. Acesso em 01 de agos. de 2014.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará sob o Regime da Escravidão**. 3 Ed. Ver. e Amp. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

INGLÊS DE SOUSA, Herculano Marcos. **A Feiticeira**. Disponível em: <<https://sobreomedeo.files.wordpress.com/2012/08/sousa-inglecc82s-de-a-feiticeira.pdf>>. Acesso em 13 de jul. de 2014.

Recebido em 30/10/2014.
Aceito para publicação em 28/05/2015.